

p o b r e s . . .

VERSOS DE LYGIA

Sou pobre e tu és pobre; isso que tem?
Caminhando na vida, lado a lado
Temos dentro do peito, amontoado
Um tezoiro maior de que ninguém ..

O mundo nos aponta com desdém!?
Que importa? Este amor vale um reinado,
E dentro dêsse reino iluminado
Nossa casa modesta chega bem...

Quando vens fatigado eu te acarinho,
Se vens triste ou doente, eu adivinho
Ao calor dos meus lábios, a razão.

Por isso meu amor, não ha riqueza
Que pague a doce e cálida pobreza
Dos meus beijos em troca do teu pão!...

D E L I V R O S

A rua do gato que pesca — Yolanda Földes — Livraria Renascença.

Grande prémio internacional do romance—1936—**A Rua do Gato que Pesca** é obra de nome feito. A crítica estrangeira, a francesa monmente, com prodigalidade se lhe referiu e, porque os seus censores nem sempre estivessem de acôrdo, ergueu-se em sua volta grande celeuma. Num ponto, entretanto, estavam de harmonia a maior parte dos criticos, e vinha a ser: o livro não possuia méritos para honras tamanhas. Ora a nós, precisamente, parece-nos o contrário.

A Rua do Gato que Pesca não é, de-facto, um romance vulgar. Podem, não há dúvida, assacarlhe defeitos: no estilo, talvez demasiado sêco, no desenvolvimento do tema, onde, por vezes, não existirá uma unidade perfeita.

Mas à parte isto—que allás merece controvérsia—Yolanda Földes traçou páginas maravilhosas de observação e humanidade, transbordantes de simpatia pelos que sofrem.

As personagens do seu livro—ali não há artifício nem se escondem mazelas—ressaltam plenas de vida.

O casal Barabas, sofredor e paciente, Istvan, patife de grandes e doces olhos negros, Bardichinov, prestável e terno, Liiv, Fédor... são criações, melhor, retratos erguidos à luz duma verdade inexcedível. Sobrepujando, porém, essas figuras tôdas—e a galeria é extensa—está a de Ana, a da pequena, amorável, decidida Annouchka, e isto, talvez, porque em parte ela encarne a própria autora. Dir-se-ia mesmo que Yolanda Földes ao referir-se à primogénita de Gyula o faz com um carinho especial, com um amor mais entranhado, uma ter-

nura mais viva, sem que isso, contudo, a faça de algum modo abraçoar a verdade.

Inclusivé é para notar que a maior soma de realidade nos é dada, precisamente, por intermédio da irmã de Klari: as páginas de introspecção a ela referente, por exemplo, chegam, não raro, a ser cruéis.

No livro de Yolanda Földes, todavia, não são as pessoas, emcolhidas nas suas amarguras, nas suas dores ignoradas e silenciosas, quem se eleva mais alto e mais enternece os espíritos. A grande figura, a que numa desodação imensa atravessa a obra de ponta a ponta, é a nostalgia da terra distante, a tristeza inconsolável dos que labutam no estrangeiro—pois que **A Rua do Gato que Pesca** é, pode afirmar-se, o verdadeiro livro de todos os exilados—os das ideias e os do pão.

A. R.